

Poder Popular

Director: Eduardo Ferro Rodrigues

Órgão do Movimento de Esquerda Socialista

ANO I N.º 38

20/27 de Abril de 1976 Preço 4\$00

VOTA MES LUTA PELO SOCIALISMO!

Unidade mas para lutar!
Organização mas para resistir!

É o caminho que apontamos às massas trabalhadoras.

Em dois anos andámos mais de vinte

Em poucos meses podemos recuar outros tantos.

Organizar a resistência popular é a tarefa prioritária!

Organizar a resistência defendendo as conquistas alcançadas!

O centro da luta de classes está nas fábricas, nos bairros e nos campos, aí está a força, se aí houver a unidade capaz de vencer o fascismo!

O Parlamento não vai resolver os problemas dos trabalhadores!

Mas o povo precisa de deputados que não traiam, que não sejam falsos amigos, que sejam luta e resistência no Parlamento para ajudarem a grande luta e resistência que se organiza cá fora.

Por isso dizemos: Vota no MES, vota na luta, na resistência, vota pelo poder popular.



**PELO
CONTROLO
OPERÁRIO**



**PELA
REFORMA
AGRÁRIA**



**PELO
DIREITO
A HABITAÇÃO**



**PELO
PODER
POPULAR**



**DIA 23—21.30 CAMPO PEQUENO
GRANDE COMÍCIO**

Será "indispensável" e "lógico" extinguir a Intersindical?

1. — Um ministro de poucas falas

O sr. ministro do «Trabalho» — cap. Tomás Rosa é, segundo o «Expresso», homem que «fala pouco» e é, segundo as suas próprias palavras em entrevista àquele jornal, homem que nada tem a ver com os trabalhadores, pois os problemas dos trabalhadores são problemas destes com os quais ele nada tem a ver.

No entanto apesar de ser de poucas falas e de nada ter a ver com os trabalhadores, conseguiu encher duas páginas do «Expresso» do dia 10-4-76, só a falar dos trabalhadores.

2. — Constituição e unicidade

A dado passo o «Expresso» pergunta: «Pensa que será provável a revogação do diploma do CR que criou a Intersindical?»

E o ministro responde: **Penso que é possível, indispensável e até lógico, visto que a Constituição já se pronunciou sobre esse problema. Por isso a nova lei sindical não pode instituir a unicidade.**

Esta é quadra de fado muito estafado, que os trabalhadores portugueses estão fartos de ouvir.

Este é um golpe que as forças da exploração

defesa, quem terá sido que lhe facilitou a vida?

É que o sr. ministro tem razão quando diz que a Constituição já se pronunciou sobre o problema e não prevê a unicidade.

Já há algumas semanas o PP denunciava os ataques à unicidade e denunciava que na Constituição, sobre esta questão, vingara a redacção proposta pelo PS e apoiada pelo PC (a tal maioria de esquerda).

Por esta amostra do trabalho da «maioria de esquerda», já se adivinha o que significaria dar-lhe os nossos votos. Nem mais nem menos que passar-lhe um cheque em branco para na nova Assembleia continuarem a fazer negociações de corredor nas costas dos trabalhadores e vender as principais conquistas alcançadas pelos trabalhadores após o 25 de Abril, abrindo assim caminho ao fascismo e ao aumento da exploração e opressão de que são vítimas os trabalhadores portugueses e tendo ainda por cima o descaramento de dizer que o fazem em nosso nome.

Mas voltemos ao ministro. Como era de esperar poucas linhas abaixo o ministro já vem dizer que não, que não quer muitas centrais sindicais. A sua única preocupação, que é de índole «democrática», é a de que possa haver tantas quantas os trabalhadores quiserem.

E quem não dará razão ao sr. ministro? Todos sabemos que ele não vai criar nenhuma central sindical. A ele só lhe compete destruir a que existe, para na confusão então criada outras surgirem.

Simplesmente essa já não é tarefa sua. A criação de outras centrais sindicais que dividam os trabalhadores é tarefa que o grande patronato e os seus partidos não deixam por mãos alheias, querem ser eles directamente a criá-las, para terem a certeza de serem eles directamente a controlá-las.

3. — O que é a autointitulada FDT — Força Democrática do Trabalho?

Com efeito o patronato e os seus partidos ao mesmo tempo que o ministro ataca a unicidade, não perdem tempo e es-

tão já a trabalhar na organização da sua (deles) central sindical.

Na Avenida da Liberdade n.º 224-2.º Esq. em Lisboa (com 2 telefones), funciona uma organização que a si mesmo se baptizou de «Força Democrática do Trabalho» (FDT).

O que é a FDT? Uma organização de trabalhadores?

Não. A FDT é uma organização que mostra possuir vastos recursos e dispõe de vários funcionários, numa sede luxuosa, que tudo tentam para ser simpáticos aos trabalhadores, emprestando filmes e dando outras «ajudas».

Em Maio vai promover uma «exposição sobre imprensa sindical», para o que escreveu a todos os sindicatos pedindo a respectiva imprensa e outras publicações.

Para que quer a FDT toda a imprensa sindical, para fazer uma exposição como diz, ou para se informar sobre o que se passa com o movimento sindical em cada sector?

Para mostrar aos trabalhadores ou para estudar a melhor maneira de os enganar?

Inclinamo-nos mais para a segunda hipótese. Nenhum trabalhador em nenhuma fábrica, em nenhum sindicato, tinha ouvido falar da FDT. Como surge então esta organização fantasma, quem está à frente dela e por trás dela, de onde vêm os vastos recursos de que mostra dispor?

É a estas perguntas que o MES responde a seguir e para as quais chama a atenção da classe operária e dos trabalhadores.

À frente da FDT estão senhores como o dr. Carlos Augusto Fernandes de Almeida (muito bem relacionado com os sindicatos «cristãos» mais reaccionários da Europa à custa de quem tirou um curso em Lovaina na Bélgica); e como os senhores Amílcar Mateus, Teodoro, Morgado, Alpiarça e Jofre todos elementos conhecidos do PPD

Sim do PPD, o partido do Carneiro, aquele de quem o cap. Tomaz Rosa tanto gosta.

Quem está por trás da FDT, já está à vista, são a nível nacional, os grandes grupos económicos

representados pelo PPD e a nível internacional o imperialismo americano que apoia este partido e os grandes grupos financeiros europeus que apoiam os sindicatos mais reaccionários da CMT como é o caso dos sindicatos belgas.

É destes apoios internacionais que o dinheiro vem, o que mostra bem como certa gente que diz defender a independência nacional, mais não faz do que vender a nossa Pátria.

E quais são os planos mais próximos destes senhores e do PPD?

No desejo que manifestam em ajudar os trabalhadores portugueses estão a promover a ida à Rep. Federal Alemã de algumas centenas de trabalhadores incautos que aí irão frequentar cursos de sindicalismo.

Pareceria muita bondade destes senhores, se não soubessemos que nesses cursos os capitalistas tentarão formar técnicos em desorganizar e desunir os trabalhadores, técnicos na construção de ilusões de que é com a conciliação de classes que se resolvem os problemas dos trabalhadores.

4. Os conselhos do ministro para o «bom» funcionamento dos sindicatos

Aqui voltamos ao sr. ministro que a dada altura diz que:

Os sindicatos têm que passar a ter acesores técnicos, económicos, juristas, e não só homens de confiança política,

porque isso, não significa capacidade técnica

Por aqui já se vê para que servirão os tais técnicos formados em sindicalismo na Alemanha, sob os auspícios do PPD.

Por aqui também os trabalhadores já vêm bem que tipo de sindicatos o senhor ministro lhes quer vender.

Mas, a classe operária e os trabalhadores portugueses já não compram gato por lebre.

Já sabem que só lhes serve um sindicalismo de classe, que sirva a causa da sua unidade e organização para a luta sem tréguas contra a exploração capitalista e por melhores condições de trabalho e de vida.

O MES ao denunciar estas manobras apela à classe operária e aos trabalhadores para que lutem:

— contra o pluralismo e controlo partidário e burocrático do movimento sindical!

— pela UNICIDADE, por um MOVIMENTO SINDICAL UNITÁRIO E ANTICAPITALISTA!

NOTA: Na mesma Avenida atrás referida, a Avenida da Liberdade e no n.º 240-1.º (com 4 telefones) funciona uma coisa que se intitula de **Confederação Geral dos Trabalhadores Livres**. Para ela chamamos igualmente a atenção dos camaradas e a ela dedicaremos um próximo artigo.



Na sua entrevista o sr. capitão-ministro mimosa os trabalhadores com calúnias, reprimendas e até conselhos paternalísticos.

Uma tão grande contradição, entre o retrato que dele o «Expresso» e ele próprio fazem e a sua prática na entrevista, só pode significar que no subconsciente do ministro, e quiçá do «Expresso», existe uma enorme frustração por o sr. ministro-capitão, falando de facto muito, não saber o que diz e sendo ministro do trabalho e nada tendo a ver com os trabalhadores, não ser capaz de resistir a cantar-lhes o fado que lhe foi encomendado pelos seus patrões (dele) que se calhar até são os mesmos que exploram os tra-

2 Poder Popular

NATO, fora de Portugal

Entre 26 de Abril e 3 de Maio realizar-se-á na área de Gibraltar um exercício da NATO, curiosamente chamado «Open Gate» (portão aberto). Estas manobras que oficialmente são apresentadas como visando «verificar e melhorar o estado de prontidão e operacionalidade dos quartéis-gerais e da força da NATO», representam mais uma evidente provocação do imperialismo e dos seus lacaios à luta dos trabalhadores portugueses e espanhóis. A data prevista para estes exercícios, imediatamente posteriores às eleições portuguesas e abrangendo o 1.º de Maio mostra que o imperialismo utilizará todas as suas armas de pressão, chantagem e ameaça contra os dois povos da Península que procuram libertar-se da exploração e da opressão. O povo trabalhador de Portugal deve estar atento e preparado para as jornadas de combate contra o imperialismo e pela independência nacional que se aproximam!

NATO fora de Portugal!
Portugal fora da NATO!

O GOLPE FASCISTA EM MARCHA!

O MES — Partido da Esquerda Revolucionária — sempre falou claro e direito às massas trabalhadoras.

Nós sempre denunciámos e combatemos as manobras que os fascistas encapotados, os reacçãoários descarados e os capitalistas saudosos do 24 de Abril não deixaram de preparar para ferir de morte o processo revolucionário.

Nós sempre denunciámos e combatemos os acordos de gabinete, as decisões tomadas nas costas dos trabalhadores, as hesitações e conciliações dos militares progressistas com os spinolistas e reacçãoários.

Nós sempre denunciámos e combatemos os partidos que dizendo-se da classe operária e mesmo revolucionários não hesitaram nos momentos cruciais do processo em conciliar e pactuar com os piores inimigos do Povo.

Nós sempre alertámos as massas trabalhadoras para os golpes e contragolpes que levaram à morte do MFA, à expulsão violenta dos militares revolucionários dos quartéis.

Nós sempre alertámos as massas trabalhadoras que a revolução não estava feita e que era preciso avançar até à vitória final, isto é, que as nacionalizações sem controlo operário seriam equivalentes a recuperação capitalista, que a Reforma Agrária sem poder popular nos campos seria o caminho para novas formas de exploração e miséria dos trabalhadores rurais e dos camponeses, que falar em descolonizar e democratizar no vazio, sem ir até ao fim, era fazer o jogo do imperialismo e do grande capital.

É com a autoridade que conquistámos combatendo sem tréguas os inimigos do povo e denunciando os seus falsos amigos, que o MES diz hoje à classe operária e ao povo: **o golpe fascista está em marcha!**

A direita reacçãoária prepara o golpe final para esmagar todas as nossas conquistas e submeter de novo o povo trabalhador à mais dura exploração e repressão.

BURGUESIA UNIDA NO ESSENCIAL

Unida na defesa do capitalismo, unida no fim a atingir a manutenção da exploração e da repressão sobre o povo — **unida no essencial, a burguesia está no entanto dividida**. Dividida quanto aos meios a utilizar: uns preferem o cacete sobre os trabalhadores, outros preferem acenar com a censura outros preferem as duas coisas; uns preferem a repressão legal outros a repressão violenta policial e militar outros preferem as duas coisas; uns preferem o golpe e quanto mais cedo melhor, outros preferem vergar o povo pela miséria mas não deixam de aceitar o golpe. Todos os fascistas, fascizantes e neocapitalistas estão de mãos dadas numa poderosa ofensiva.

A ofensiva capitalista está em marcha desde a constituição do VI Governo.

O VI Governo, Governo burguês, Governo de fanfantes e lacaios do capitalismo e do imperialismo.

Nós dizemos e repetimos com o povo trabalhador

que sente na carne a política antioperária e impopular do VI Governo: o VI Governo é um Governo de lacaios do grande capital e do imperialismo. O VI Governo é um Governo ao serviço dos patrões. O VI Governo é um Governo comprometido com o fascismo!

— De joelhos perante o imperialismo, PPD's e PS's vendem a independência da nossa Pátria!

— De mãos dadas com patrões e saneados preparam o seu regresso às empresas que sabotaram!

— Com duas caras usam e abusam de palavras como **liberdade, democracia e justiça** e mandam a PSP e GNR disparar sobre o povo!

Nós perguntamos:

Que fez o VI Governo contra os fascistas?

Nós respondemos!

Nada!

ACUSAMOS O VI GOVERNO

E nós, Movimento de Esquerda Socialista, **acusamos** o VI Governo e o conselho da contra-revolução de fazerem o jogo do fascismo, de permitirem a acção dos fascistas!

Acusamos o VI Governo de libertar os «pides».

Acusamos a sua polícia de pactuar com os bombistas do ELP/MDLP.

Acusamos o VI Governo de dar toda a cobertura e estimular a acção provocatória dos grandes senhores da terra e do capital que com CIP's e CAP's atacam em força os trabalhadores.

Põem cá fora leis, às claras ou escondidas, todas feitas nas costas dos trabalhadores. Leis para quê?

Para dar as empresas aos patrões

Para permitir os despedimentos

Para tolerar o «lock-out»

Para tentar a cogestão e a colaboração de classes

Para proibir a greve

Para implantar o pluralismo sindical

Para tentar parar a nossa luta acenando com a armadilha da indexação de salários

Todas estas leis antioperárias são feitas demagogicamente para enganar os trabalhadores, todas elas dizem cinicamente no primeiro artigo o contrário do que acabam por fazer nos outros todos.

Senão vejamos:

Lei da greve: Art.º 1.º A greve é um direito dos trabalhadores. Art.º 2.º Se os trabalhadores fizerem greve são militarizados e ficam sujeitos ao RDM fascista! Art.º 3.º Os patrões não podem fazer «lock-out». Art.º 4.º Se fizerem «lock-out» os patrões nada sofrem!

Lei dos despedimentos: Art.º 1.º Os interesses dos trabalhadores têm de ser acautelados. Art.º 2.º Os patrões podem fazer despedimentos colectivos e individuais! Art.º 3.º Todos os artigos dos CCT's que estabelecem pesadas indemnizações são anulados!

Lei do controlo da gestão: Art.º 1.º Os trabalhadores têm direito a controlar a gestão. Art.º 2.º Os trabalhadores não têm direito à informação. Art.º 3.º Os trabalhadores não podem pôr em causa a exploração e o lucro.

Lei sobre as empresas nacionalizadas: Art.º 1.º

Devem estar ao serviço da colectividade. Art.º 2.º Têm que ter lucros.

É este o cinismo com que a burguesia ataca o movimento operário e as suas conquistas. Mas não é só por cinismo que a burguesia finge dar o que na verdade quer tirar. É a força que os trabalhadores conquistaram e que obriga os burgueses a disfarçarem os seus objectivos.

Camaradas:

Estes são os nossos inimigos, estas são as suas armas!

São fortes? São, sem dúvida tanto mais que contam com os reformistas para desmobilizar a classe operária da luta, para conciliar quando é necessário ser firme, para recuar quando se trata de avançar!

O FASCISMO NÃO PASSARÁ

Vamos então ser derrotados pelo fascismo, capitalismo e imperialismo unidos contra o povo e os trabalhadores do nosso país?

Não!!

Não! Mas só se escolhermos o caminho da unidade, da resistência e da luta!

Não! Mas só se a classe operária souber assumir o seu papel de vanguarda da luta popular!

Não! Mas só se as mulheres trabalhadoras souberem lutar pelos seus direitos ombro a ombro com os seus companheiros da exploração e da miséria!

Não! Mas só se o desejo de qualquer trabalhador explorado, o desejo da unidade e da organização se tornar realidade.

UNIDADE, SIM, MAS PARA LUTAR

Construir a unidade das massas é a tarefa mais importante do momento. Unidade real, unidade do movimento operário e popular e não falsa unidade de chefes e partidos que não hesitam em trair o povo.

Unidade construída no combate sem tréguas ao inimigo de classe!

Os trabalhadores querem a unidade!

Os revolucionários querem a unidade!

Contra o fascismo, contra a exploração, a repressão e a miséria todos os trabalhadores conscientes, com ou sem partido, estão dispostos a unir-se!

Unir-se para resistir e lutar e não para conciliar e recuar!

Por isso, o caminho que o MES aponta é o da **resistência popular generalizada ao fascismo e à ofensiva burguesa**, o caminho da unidade do movimento operário e popular em torno de todos os seus órgãos de poder e luta. O caminho da coordenação do movimento sindical com as comissões de trabalhadores e moradores erguendo uma sólida barreira à direita, à recuperação capitalista, às manobras imperialistas.

Defender as CT's e CM's e recusar a colaboração de classes, recusar a sua integração no movimento sindical ou a sua dependência face ao estado dos

Continua na pag. 3



CONTRA O FASCISMO—PODER POPULAR!

Continuação da pag. 4

patrões. Defender as CT's e CM's e fazer delas bastiões de resistência é a tarefa decisiva para a organização da resistência popular.

Unidade mas para lutar!

Organização mas para resistir!

É o caminho que apontamos às massas trabalhadoras.

Camaradas

Em dois anos andámos mais de vinte.

Em poucos meses podemos recuar outros tantos.

Organizar a resistência popular é a tarefa prioritária!

Organizar a resistência defendendo as conquistas alcançadas!

Sem escolher o caminho em que o povo não deixa para ninguém a defesa dos seus direitos e toma nas suas mãos a direcção do seu próprio destino!

Sem escolher o caminho do poder popular, sem cerrar fileiras em torno das CT's e CM's!

Que futuro teremos nós?

Que conquista conseguiremos defender?

Que força poderemos opor ao fascismo?

Nenhuma!

PELO PODER POPULAR

Por isso o poder popular significa a conquista mais importante. Não é por acaso que a burguesia tanto odeia o poder popular, é porque vê nele a arma que a pode ferir de morte!

Unir o povo

Contra o fascismo

Pelo poder popular

Eis a nossa bandeira é a bandeira que apontamos ao nosso povo!

E camaradas

Quem tem dúvidas

Que a alternativa 76 do CDS é o fascismo?

Que o Portugal que está connosco no PPD é o Portugal dos patrões?

Que a Europa que está connosco do PS é o imperialismo?

Que a maioria de esquerda do PCP é a falsa maioria de cócoras perante a burguesia?

Então vejamos:

Quem é o CDS senão os colaboradores activos ou os discípulos directos do colonial — fascismo de Salazar e Caetano?

Quem é o PPD senão um misto de patrões reaccionários, agrários saudosos, ANP's arrependidos e alguns trabalhadores sujeitos à tirania política e ideológica da burguesia?

Quem são os amigos europeus do PS senão os sociais democratas que governam a política imperialista da Europa e que mesmo tão amigos como qualquer capitalista só emprestam com penhor? O



PS que se preocupe mais em dizer quanto ouro no Banco de Portugal é que já empenhou!

Que raio de maioria de esquerda é a do PCP? Maioria com o PS?

Tudo parece indicar que sim. Mas então o que é unir os deputados desses dois partidos? Que plataforma política é que eles podem defender?

Nenhuma!
Aliás já todos conhecemos essa maioria, é a maioria de todos os governos!

É a maioria que não resolve os problemas do povo!

O CENTRO DA LUTA DE CLASSES ESTÁ NAS FÁBRICAS E NOS CAMPOS

O que interessa ao povo é ter na Assembleia da República deputados que lhe dêem a voz e defendam os seus interesses até ao fim!

Deputados que saibam dizer aos fascistas e burgueses — **estamos fartos da vossa democracia e das vossas liberdades!**

Estamos fartos da liberdade que é dada aos patrões e especuladores para aumentarem os preços!

Estamos fartos da liberdade que é dada aos fascistas, à polícia e à GNR para matarem operários e militantes de esquerda!

Estamos fartos da democracia que permite a organização de partidos fascistas!

Estamos fartos da democracia para os ricos e a burguesia explorarem os trabalhadores!

Democracia? Liberdade?
Mas só para a classe operária e para o povo. Não para a burguesia e para os fascistas!

O que interessa ao povo são deputados que defendam o **poder popular** que falem daquilo que nenhum partido fala do CDS ao PS, do PCP à UDP, do controlo operário, da defesa das comissões de trabalhadores, da luta contra o capital pelo poder popular!

É por isto camaradas que o MES se candidata. Dizendo ao povo: **O centro da luta de classes está nas fábricas, nos bairros e nos campos, aí está a força, se aí houver a unidade capaz de vencer o fascismo!**

O Parlamento não vai resolver os problemas dos trabalhadores!

Nós dizemos igualmente:
O povo precisa de deputados que não traiam, que não sejam falsos amigos, que sejam luta e resistência no Parlamento para ajudarem a grande luta e resistência que se organiza cá fora

Por isso dizemos **Vota no MES, vota na luta, na resistência, vota pelo poder popular**

Só assim estarás com a verdadeira esquerda, a esquerda revolucionária e anticapitalista.

(Passos da intervenção do camarada Augusto Mateus, membro do CC do MES, no comício do dia 14, na Voz do Operário)

Unidos e organizados venceremos o fascismo
Viva a classe operária
Viva o poder popular
Viva a unidade dos revolucionários
Viva a unidade do povo
Viva o MES

SAUDAÇÃO DO MPLA AO MES

Camaradas:
Em nome do Comité Central e do Bureau Político do MPLA, e em meu nome pessoal, tenho a honra de acusar a recepção da vossa mensagem de saudação

Camaradas, neste momento em que as gloriosas FAPLA, braço armado do Povo Angolano, acabaram de expulsar definitivamente do solo Pátrio todas as tropas imperialistas e em que o nosso Povo, ciente das suas responsabilidades, caminha já na fase de reconstrução nacional, é para o MPLA um regozijo militante a recepção da vossa mensagem em que o MES reforça os laços de solidariedade existente entre os nossos dois Povos

Nunca o MPLA viu no Povo Português o seu inimigo, pois que as condições anteriormente existentes eram fruto de um sistema anacrónico de que o próprio povo português foi vítima

Agora que o Povo Angolano derrotou as forças imperialistas, consideramos a nossa vitória um contributo para a luta de todas as classes progressistas do mundo empenhadas na edificação de uma nova sociedade

Estamos prontos a intensificar ainda mais as nossas relações de fraternidade militante e formulamos votos para que, também em Portugal, a reacção seja definitivamente esmagada

Saudações Revolucionárias

A Luta Continua — A Vitória é Certa

Lúcio Lara

Secretário do Bureau Político

Luanda, 6 de Abril de 1976

ASSINATURA

Poder Popular

6 meses 100\$00

12 meses 200\$00

apoio 400\$00

estrangeiro Europa 500\$00

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Profissão _____

ENVIO CHEQUE N.º _____ BANCO _____

ENVIO VALE DE CORREIO N.º _____

JORNAL SEMANAL _____ todas as 3.ªs feiras

Propriedade do Movimento de Esquerda Socialista

Administração - Redacção
Av. D. Carlos I - 128, Lisboa
telefone 66 26 83

Composição e impressão
Renasçença Gráfica SARL
Rua Luz Soriano, 44 Lisboa



ELEIÇÕES

VOTO ÚTIL

O MES tem, indubitavelmente, ganho o respeito dos trabalhadores portugueses. O MES aponta o caminho a seguir em cada momento, não foge da luta quando as coisas se põem feias, que em toda a parte luta com o maior empenho pela unidade do povo, contra o fascismo, pelo poder popular. Não é preciso repetir todos os argumentos que provam sem sombra de dúvida o que acima ficou dito.

Mas o que os trabalhadores querem ouvir são razões numéricas, e ver explicado, branco no preto, o que é o voto útil e a «maioria de esquerda».

O voto de cada trabalhador, por si só, representa 1/25 000 avos de um deputado. E isto é verdade quer se trate de um grande partido, quer de um pequeno. Por exemplo: o PCP vai eleger 10 deputados em Lisboa, com 266 615 votos. Bastavam 200 000 votos para eleger o mesmo número de deputados. Desperdiçaram-se assim 16 615 votos... Num pequeno partido, passa-se o mesmo: 51 500 votos elegem dois deputados, desperdiçando-se 1500 votos. Por aqui se vê que votar num partido grande não eleger mais deputados que num pequeno.

Por outro lado, a tão apregoada «maioria de esquerda» na Assembleia é uma monstruosa mistificação. Não haverá qualquer maioria de esquerda, pela simples razão que o PS não é um partido de esquerda. Não tivemos nós já esta «maioria de esquerda» na Constituinte?

Vejamos ainda outra coisa: nas últimas eleições, o MES teve mais votos que o PCP em 500 das 2000 freguesias do País. Porque é que então não desiste ele a nosso favor, nessas freguesias? Muito simples-

mente porque não lhe convém. Não é por acaso que o PCP tem vindo a desenvolver uma fortíssima campanha anti-MES. Destacam nos seus jornais tudo o que nos possa prejudicar. Colam os cartazes deles por cima dos nossos. No Alentejo, tentam a todo o custo destruir a nossa imagem junto dos trabalhadores agrícolas. Podemos dizer que somos o partido mais atacado pelo PCP nestas eleições, chegando ao cúmulo de boicotarem uma sessão de esclarecimento nossa em Canal-Caveira! Por fim, tal é a histeria anti-MES, insinuam até que é preferível votar na UDP que no MES!! Só podemos compreender tudo isto sabendo que os deputados do MES serão muito mais «incómodos» para o PCP que os da UDP. Serão os deputados do MES que apresentarão os anseios e necessidades dos trabalhadores. Serão os deputados do MES que mostrarão o que é uma prática realmente anti-fascista. E isto na Assembleia da República, bem alto, publicado em todos os jornais.

Votar MES não prejudica a esquerda. Não votar MES é que prejudica. Porque na ausência das posições revolucionárias, não é possível ver claramente porque é que a estratégia do PCP está condenada ao fracasso. Por outro lado, nas grandes opções, quando estejam em causa questões de fundo, é evidente que a esquerda, digna desse nome votará junta, sem quebra de unidade.

Votar MES é votar no partido da esquerda revolucionária. Para quem a luta pela unidade do povo, a luta contra o fascismo e a luta pelo poder popular são a razão de ser da sua existência.

Vota útil. Vota MES.



SESSÕES DE ESCLARECIMENTO

DIA 20

Aveiro: Anadia, Esc. Secundária, 21.30.
Beja: Selame/Vila de Fades (Vidigueira), 21.30.
Castelo Branco: Urjaís, 21.00/Mompоста da Beira, 21.00
Coimbra: Eiras, 21.30; Seira, Centro Cultural, 21.30.
Évora: Viana do Alentejo, Antiga Câmara, 21.00; Arcos, Casa do Povo, 21.00.
Faro: Silves, Esc. Polivalente (Ginásio), 21.30.
Guarda: Gouveia, 21.30.
Leiria: Marinha Grande, Engenho Sport Império Marinhense, 21.30; Bombarral, Cintrão, Esc. Primária, 21.00.
Lisboa: Albarraque, A Tabaqueira (Cascais), 21.30; Lusaleira (Cruz Quebrada), 18.00; Talaide, 21.30; Cacém, 21.30; Sport Lisboa e Alcântara, 21.30; Gare Marítima Rocha Conde de Obidos, 17.30; Associação Boa-União (Beco das Cruzes), 21.30; Escola Cesário Verde, 21.30; Saponata, 18.00; Bobadela, 21.30; Moscovide, 21.30; Alhandra, Sociedade Ent-Alhandrense, 21.30; Vila Franca de Xira, Bombeiros, 21.30.
Portalegre: Beirã, 21.00.

Porto: S. Pedro da Cova (Gondomar), Esc. Preparatória D. Afonso V, 21.30; S. Vitor (Porto), Esc. Primária, 21.30; Ermesinde (Valongo), Casa do Povo, 21.30; Gulpihares (V. N. de Gaia), Esc. do Monte Gulpihares, 21.30
Santarém: Pego de Abrantes, Casa do Povo, 21.15; SANTARÉM — COMÍCIO, 21.30
Setúbal: Cercal, Salão Palhavã, 21.30; Palhais, Soc. Recreativa de Palhais, 21.30; Setenave, na Empresa, 18.30
Viana do Castelo: Areosa, na Escola Primária, 21.30; Carço, na Escola Primária, 21.30.
Vila Real: Chaves, 21.30

DIA 21

Aveiro: Assequina (Águeda), Salão do Cabo, 21.30; Couto de Cucujães, Escola, 21.30; Vista Alegre (fábrica), Ilhavo, 18.00.
Beja: Aljustrel, Montes Velhos, 21.30
Castelo Branco: Castelo Branco, 21.00
Évora: Évora Monte (Estremoz), Casa do Povo, 21.00; Igreja (Évora), 21.00; Cíborno (Évora), 21.00

Guarda: Guarda, 21.30
Leiria: Mira d'Aire, Cine-Teatro, 21.30; Gueiras, Soc. Recreativa, 21.00
Lisboa: Linda-a-Pastora, 21.30; Porto Salvo, 21.30; Livraria Bertrand, 18.00; CUF, 17.30; Salão Polivalente, 21.00; Hospital de St.ª Maria, 16.00; Loures, 21.30; Alverca, Sala dos Bombeiros, 21.30; C. Municipal de Oeiras, 21.30 (Cantina)
Portalegre: COMÍCIO EM PORTALEGRE, 21.00
Santarém: Benavente, 21.30; Samora, 21.30
Setúbal: Montijo, Soc. Recreativa Progresso Afoeirense, 21.30; Lousal, Casa do Povo, 21.30; Siderurgia Nacional (fábrica), 18.30
Vila Real: Pensalves (Vila Pouca de Aguiar), 21.30
Viana do Castelo: Alvarães, Esc. Primária, 21.30
Visu: Vila Nova de Paiva, 21.30
Madeira: Machico, Cinema, 18.00

DIA 22

Aveiro: Albergaria-a-Velha, COMÍCIO NO SALÃO DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, 21.30
Beja: Entradas (Castelo Verde), 21.30

Castelo Branco: Cebolais de Cima, 21.00
Évora: S. Bento do Cortiço (Estremoz), Esc. Primária, 21.00; Azaruja, 21.00
Faro: Faro, Esc. Com. de Faro, 21.30
Guarda: Vila Nova de Coelhira, 18.00
Leiria: Serra d'El Rei, «A Serrana», 21.00; Alcobaca, Bombeiros, 21.30
Lisboa: Fábrica CLIMOCOP (S. Domingos de Rana), 18.00; Torre, na Escola, 21.30; Sacavém, 21.30; Odiveelas, Clube Espírito Santo, 21.30; Fim do Mundo, Estoril, 20.30
Portalegre: Alegrete, 21.00
Santarém: Chamusca, 21.30; Almeirim, 21.30
Setúbal: Torrão, Soc. 1.º de Janeiro, 21.30; Grândola, Casa do Povo, 21.30
Viana do Castelo: Perre, Esc. Primária, 21.30
Vila Real: Bairro Latino, 21.30; S. Vicente, 21.30
Madeira: FUNCHAL, TEATRO MUNICIPAL, 19.00

DIA 23

Lisboa: CAMPO PEQUENO, 21.30
Madeira: Machico, Cinema, 19.00

HORÁRIO DAS EMISSÕES NA RÁDIO E TV

DIA	HORA	POSTO	TEMA	INTERVENIENTES
	21.20	RTP	Proposta eleitoral do MES	Nuno T. Pereira, membro do CC e cand. Lisboa
20 (3.ª feira)	23.00	RR	Social Democracia e liberdade	V. Wengorovius, membro CC e cand. Sant.
	23.20	RR	Poder Popular	Rogério de Jesus, membro CC e cand. Leiria
	16.50	E. Beiras	Sentido do voto MES	Eduardo Graça, membro CC, cand. por Lisboa
22 (5.ª feira)	10.20	RR	Situação da mulher	Adelaide de Jesus e Carmo Mateus, cand. por Lisboa
	19.20	RDP	Sentido do voto MES	Nuno T. Pereira, membro CC cand. por Lisboa
	13.30	RTP	Situação da mulher trabalhadora, Vida nos bairros pobres	António Machado, cand. nd. por Lisboa, Adelaide de Jesus, cand. Lisboa e Armando Almeida, cand. pelo Porto
23 (6.ª feira)	23.30	RR	O MES e os restantes partidos. O voto no MES	Eduardo F. Rodrigues, cand. por Setúbal e membro do CC





A candidatura revolucionária

(intervenção do camarada Nuno Teotónio Pereira na TV)

Ao apresentar-me perante o povo como candidato do MES, o Partido da Esquerda Revolucionária, ao qual tenho a honra de pertencer desde a primeira hora, quero dirigir-me aos meus companheiros de anos de luta — luta contra a censura fascista, luta contra a PIDE, luta contra a guerra colonial — aos militantes antifascistas da CDE, aos cristãos empenhados na construção duma sociedade justa, aos companheiros das horas boas e más, aos meus camaradas de Caxias.

Mas dirijo-me, sobretudo, aos trabalhadores mais pobres, aos mais explorados, aos homens e mulheres vergados por anos e anos de trabalho e de canseiras, aos analfabetos, aos doentes sem assistência médica, aos desempregados, aos rapazes e raparigas que vivem na incerteza do dia de amanhã — enfim, a todos os que sofrem na carne as injustiças e a insegurança de uma sociedade baseada no egoísmo e no lucro — a sociedade capitalista.

São todos esses que melhor podem entender o que o MES tem para dizer, são sobretudo esses que votarão no MES, são esses que colocarão deputados do MES na Assembleia da República.

Mas o MES vai às eleições sabendo que não será no Parlamento que se vão decidir os destinos do Povo. Esses vão-se decidir nas lutas concretas por uma vida melhor — nas fábricas, nos campos, nas aldeias, nos bairros pobres, nas escolas, nos quartéis, nas ruas! Pois não foi aí que se conseguiram as grandes conquistas populares depois do 25 de Abril?

Por isso, o MES não pretende ter lugar em nenhuma maioria parlamentar, não pretende ter lugar em nenhum governo dominado por partidos burgueses — para aí nada fazer — como acontece com o PCP no VI Governo Provisório.

Os deputados do MES serão os deputados da única e verdadeira maioria: a maioria que trabalha e sofre, a maioria dos explorados e oprimidos, e que não será de certeza a maioria na Assembleia da República, porque o Poder Popular

que o sistema de eleições organizado pela burguesia divide e dispersa essa maioria real e verdadeira:

— a maioria dos funcionários e empregados, e não dos técnicos, dos doutores e dos patrões;

— a maioria dos assalariados rurais, dos pequenos agricultores, dos rendeiros, dos trabalhadores da Reforma Agrária e não a dos senhorios e dos agrários;

— a maioria dos habitantes das cidades, das vilas, dos arredores de Lisboa, do Porto, de Setúbal, que são os inquilinos, os habitantes das barracas, das ilhas, dos pátios e das partes de casas — e não dos proprietários e dos subalugados;

— a maioria dos funcionários, dos contínuos e não a dos chefes de repartição e dos directores-gerais;

— a maioria dos soldados e marinheiros, e não a dos oficiais e dos comandantes.

Esta maioria, que é a única verdadeira, não será pois a maioria da Assembleia. Mas é a maioria que fica de fora, aquela por quem luta o MES, a maioria que começou a organizar-se em Comissões de Trabalhadores, em Comissões de Moraçores, em Conselhos de Aldeia, em Cooperativas de produção e, até, em algumas Assembleias Populares.

A maioria que durante o fascismo estava dividida e silenciada, mas que começou a entrar na luta de que um dia há-de sair vitoriosa, através da plena afirmação do seu poder, o Poder Popular.

Os partidos de direita e até mesmo o PS, insultam o Poder Popular, porque é aí que o Povo se organiza para impor os seus direitos e se torna mais forte. Mas há um partido de esquerda, o PCP, que olhou com desdém para a organização autónoma dos trabalhadores após o 25 de Abril, mas que depois se viu obrigado a reconhecer a existência do Poder Popular e até tentou colocar os seus órgãos ao serviço de interesses partidários. O PCP, depois do 25 de Novembro, deixou de falar outra vez

no Poder Popular, pois quer formar uma maioria no Parlamento.

Pois são milhares de militantes do Poder Popular, escarnecidos pelos partidos da direita, renegado pelos partidos de esquerda, que o MES chama agora ao voto; porque é preciso que a voz do Poder Popular seja ouvida na Assembleia.

Mesmo que esses militantes estejam ligados a outros partidos, eles sabem que tais partidos não vão defender o Poder Popular; mesmo que não estejam ligados a partido nenhum, mesmo que estejam contra os partidos, pela política sectária de muitos deles, o MES diz que é preciso que o Poder Popular seja ouvido na Assembleia:

não porque o Parlamento possa substituir a luta nas fábricas, nos bairros, nos campos e nas aldeias, mas porque o Poder Popular não pode desperdiçar nenhum instrumento para essa luta e a tribuna da Assembleia da República é um desses instrumentos: a voz do Poder Popular será melhor ouvida de Norte a Sul, ajudando a unificar as lutas — a luta da resistência contra o avanço do fascismo, a luta pela defesa das conquistas do 25 de Abril, a luta que há-de preparar um novo avanço nos trabalhadores em direcção a uma sociedade feita por eles e para eles.

Esta maioria é essa que o PCP diz que vai formar para conquistar votos e tentar silenciar a verdadeira esquerda, a esquerda revolucionária?

Essa falsa maioria de esquerda seria feita com o PS. Mas alguma vez o PS poderá fazer uma política de esquerda? O PS, que bloqueou o pro-

cesso revolucionário aliando-se a todas as forças de direita e da extrema-direita, abrindo as portas à reacção e subordinado aos regimes capitalistas da Europa?

Aliás o PS até já garantiu que nunca faria aliança com PCP. Mesmo o próprio dr. Cunhal, aqui perante as câmaras da TV, afirmou há dias que não se devia votar no PS, porque não se sabia com quem o PS iria fazer alianças. Por isso dizemos que o PCP está a enganar o Povo, a apelar para uma falsa maioria de esquerda que nunca poderá existir.

Fala-se muito em votos desperdiçados à esquerda, em votos que podem não eleger deputados. Nós também achamos que este problema é importante, que esta preocupação é justa; os votos não são neste momento para desperdiçar.

Mas nós dizemos que votos desperdiçados serão os votos que vão eleger deputados que nada vão acrescentar à Assembleia: os votos bem



aproveitados, os votos úteis, são os votos que asseguram a presença de deputados revolucionários e do Poder Popular na Assembleia — que serão os deputados do MES.

Se se apela tanto para a concentração dos votos da esquerda, é porque alguém tem medo da voz do Poder Popular no Parlamento. É porque se sabe de antemão que os deputados do MES não se limitarão a denunciar as manobras da burguesia e do seu Governo, nem a fazer declarações de voto como vencidos.

Os deputados do MES irão apresentar propostas concretas, em contra-posição às propostas dos partidos burgueses e reformistas, as quais não poderão ser ignoradas, e que serão ouvidas cá fora pelos trabalhadores e pelo povo. No Parlamento, como sempre, como agora, o MES defenderá a verdade e exigirá a verdade.

Assim, em nome do Comité Central do MES e perante o povo português eu exijo neste momento formalmente que seja levantado um inquérito às declarações de Spínola, que mostre quais as ligações que este golpista reacçãoário, tem com as Forças Armadas e partidos de direita.

O MES está a desenvolver grandes esforços para que o jornalista alemão Wallraff, que conseguiu obter as graves afirmações de Spínola, esteja presente no nosso grande comício, que se realiza na próxima sexta-feira à noite no Campo Pequeno.

Mas votar no PCP, que se põe a reboque da política capitalista do PS, não é fortalecer a esquerda, mas enfraquecê-la; e à esquerda do PCP a única alternativa antifascista consequente, porque anticapitalista, a única alternativa ao Socialismo, é a candidatura do Poder Popular, a candidatura do MES.

Mas votar no PCP, que se põe a reboque da política capitalista do PS, não é fortalecer a esquerda, mas enfraquecê-la; e à esquerda do PCP a única alternativa antifascista consequente, porque anticapitalista, a única alternativa ao Socialismo, é a candidatura do Poder Popular, a candidatura do MES.

Mas votar no PCP, que se põe a reboque da política capitalista do PS, não é fortalecer a esquerda, mas enfraquecê-la; e à esquerda do PCP a única alternativa antifascista consequente, porque anticapitalista, a única alternativa ao Socialismo, é a candidatura do Poder Popular, a candidatura do MES.

Mas votar no PCP, que se põe a reboque da política capitalista do PS, não é fortalecer a esquerda, mas enfraquecê-la; e à esquerda do PCP a única alternativa antifascista consequente, porque anticapitalista, a única alternativa ao Socialismo, é a candidatura do Poder Popular, a candidatura do MES.

Mas votar no PCP, que se põe a reboque da política capitalista do PS, não é fortalecer a esquerda, mas enfraquecê-la; e à esquerda do PCP a única alternativa antifascista consequente, porque anticapitalista, a única alternativa ao Socialismo, é a candidatura do Poder Popular, a candidatura do MES.

Campanha eleitoral—algumas sessões

Três importantes Comícios assinalaram esta semana a campanha eleitoral do MES, para além das numerosas sessões de esclarecimento que por todo o País os candidatos do MES continuaram a levar por diante.

LISBOA

VOZ DO OPERÁRIO

Na Voz do Operário, em Lisboa, no dia 14, com a sala cheia, iniciou-se o comício do MES com um minuto de silêncio em memória do operário da construção civil assassinado em Beja.

Foram oradores os camaradas José Martins, operário metalúrgico da ITT, Lurdes Gomes, operária têxtil, José Alves, operário da construção civil e José Ganhão, operário da Standard Eléctrica, todos candidatos por Lisboa e que abordaram a situação da classe operária nos diversos sectores e as tarefas da resistência popular que urge levar por diante.

Encerrou o comício o camarada Augusto Mateus do Comité Central, também candidato por Lisboa, que apontou os objectivos da nossa campanha eleitoral, desmontando a demagogia dos reformistas no que diz

respeito às falsas «maiorias de esquerda».

Sucessivamente interrompidos pelas palavras de ordem entoadas pelos militantes e simpatizantes presentes, este comício constituiu importante momento da campanha eleitoral no distrito de Lisboa, reafirmando os objectivos claros que norteiam a acção do MES de unir o povo contra o fascismo pelo Poder Popular.

PORTO

PALÁCIO DE CRISTAL

No Porto milhares de simpatizantes do MES acorreram ao comício do Palácio de Cristal no dia 15, em que usaram da palavra os camaradas Alberto Martins, Jacinto Rodrigues e Nuno Teotónio Pereira, do Comité Central do MES e candidatos pelo Porto e Lisboa, além de outros camaradas candidatos.

O papel dos deputados revolucionários do MES na Assembleia da República em defesa do Poder Popular e pela organização da resistência do povo ao avanço da direita e do fascismo foi ressaltada nas suas intervenções, explicando assim o sentido do voto no MES, do voto útil no MES.

SETÚBAL

SALÃO DO INATEL

Também em Setúbal, no Salão do Inatel, se realizou no dia 16 um comício em que usaram da palavra os camaradas Francisco Faria, Ferro Rodrigues e Eduardo Graça, membros do Comité Central e candidatos por Setúbal e Lisboa, além de outros camaradas candidatos.

Ao longo das várias intervenções, foi focado o modo como tem decorrido a campanha eleitoral do MES e apontados alguns exemplos concretos do êxito da candidatura do Poder Popular em todo o País.

Eduardo Graça referiu mesmo aspectos concretos do boicote e deturpação que a Imprensa burguesa tem feito à campanha do MES, nomeadamente o Diário e a Luta, jornais «independentes» do PCP e do PS, que sistematicamente ignoram as realizações eleitorais do MES ou as deturpam.

No final, o camarada Pedro Barroso, candidato independente por Lisboa cantou algumas canções populares, no que foi acompanhado entusiasticamente pela assistência, tendo sido ditas poesias populares do livro recentemente editado do camarada António Machado, também candidato independente pelo MES.



Saudação da CM do bairro 14 de Junho

A Comissão de Moradores do Bairro 14 de Junho tomando conhecimento da primeira sessão de esclarecimento do MES dada pela 1.ª vez na sede do CDO não podia ficar indiferente e cumprimentos ao dever esclarecer todos os camaradas presentes do seguinte:

1.º Esta CM foi, é, e será totalmente apártida.

2.º A sua principal virtude é de nunca esconder as verdades seja a quem for.

Dado que na altura tínhamos pouco conhecimento como formar uma CM fomos ter com 2 forças políticas ditas de esquerda, para que estas nos ensinasse qual seria o 1.º arranhaque para se formar uma CM, o qual nos foi negado... O motivo não sabemos. Sem esperanças fomos em último recurso ter com o MES, o qual revolucionariamente logo se prontificou à disposição, além de nos ceder as suas instalações, para nos ensinarem os primeiros passos.

Esta Comissão nunca virou a cara a qualquer pessoa para dialogar seja qual for a sua ideologia política, recebemos todos não nos furtando a qualquer diálogo desde que seja para bem do bairro. Mas é muito importante não nos quererem controlar. Enquanto esta Comissão estiver à frente — até que se forme a Cooperativa o que está para breve — repudia qualquer tentativa de manobra seja de que partido for.

Mais uma vez nos sentimos orgulhosos por este partido político — Movimento de Esquerda Socialista — que foi bem um exemplo digno de todos os partidos de esquerda ensinando mas não controlando.

Esta moção foi aprovada ontem 6.ª feira na habitual reunião de toda a Comissão de Moradores do Bairro 14 de Junho o qual deseja a todos os camaradas do MES saudações revolucionárias.

BRAGA

«Nós sabemos que os bandos terroristas do ELP e do MDLP andam por aqui por Braga, à solta, e gozando da complacência das autoridades. Nós sabemos que os bombistas e os assassinos profissionais do nosso povo tem por função criar um clima de terror e instabilidade que dê a necessária cobertura terrorista aos apelos dos dirigentes e fascistas, o CDS, o PPD, o PPM e o PDC, que falando em ordem, democracia e disciplina mais não pretendem do que impor aos portugueses uma nova e feroz ditadura», disse o camarada Jacinto Rodrigues, membro do Comité Central do nosso Movimento discursando perante as várias centenas de pessoas que enchiam quase por completo o ginásio do Liceu de Braga durante um comício do MES ali realizado.

Outro orador, o camarada Oliveira Santos, operário metalúrgico e candidato do MES pelo círculo de Braga, referindo-se aos responsáveis pelo Ministério do Trabalho, interrogou: «Saberão eles que no Norte, em Guimarães, no sector têxtil, tudo é permitido, acontecendo que em 238 empresas somente 10 se encontram quase dentro

da lei, pois as restantes 228 não cumprem o Contrato Colectivo, não pagam quotas aos sindicatos nem descontos à Previdência, salários, férias, 13.º mês, etc.»

Mais adiante, abordando a questão dos empréstimos estrangeiros ao nosso país, disse o camarada Oliveira Santos: «O senhor Willy Brandt, quando esteve na Cimeira do Porto confessou que a CEE, de que ele é o manda-chuva, tinha feito boicote económico a Portugal logo a seguir ao 25 de Abril, alegando que o senhor Zenha já sabia o que se tinha passado. Isso exige mais um refilamento: então o senhor ministro da Justiça, digo, das Finanças, se já sabia da cambada que aparelhava porque é que continua a ser todo sorrinhos para eles? Será que ainda tem esperanças na pasta dos Estrangeiros?

Por seu turno, o camarada José Machado, candidato do MES pelo círculo de Braga, afirmou: «O 25 de Novembro foi uma batalha perdida para os trabalhadores, mas a causa do Poder Popular e do socialismo não está perdida para o povo português: a burguesia ainda é capaz de governar, a crise económica intensificou-se, os partidos burgueses não têm o mesmo projecto de reconstrução do capitalismo, sociais-democratas e fascistas vão apro-

fundar as suas divergências».

E prosseguiu: «A reconstrução do capitalismo em Portugal não se fará de forma pacífica que a debilidade e falta de unificação da burguesia se oporá a memória de classe conseguida pelo proletariado durante estes dois anos de luta e, porque, embora atacadas, ainda se mantêm firmes as organizações populares e dos trabalhadores.

«Assim — concluiu o camarada José Machado — o único processo da burguesia salvar o capitalismo é através da repressão mais ou menos temperada por palavras de democracia».

S. PEDRO DA COVA

Grande número de pessoas, sobretudo operários mineiros, acorreu a uma sessão eleitoral do MES onde esteve presente o camarada Jacinto Rodrigues, membro do Comité Central, bem como trabalhadores candidatos do MES à Assembleia da República.

Jacinto Rodrigues abriu a sessão, que se realizou no salão da Junta de Freguesia, falando sobre a situação política actual, em especial sobre o perigo fascista e a necessidade imperiosa de os trabalhadores lhe fazerem frente, em tor-

no do projecto do Poder Popular. Denunciando o terreno eleitoral, aquele membro do CC do MES referiu-se aos termos em que se opera a participação do MES na campanha em curso.

Joaquim Viana, trabalhador da EFACEC, candidato independente pelo MES, referiu-se ao problema da saúde nas minas. «Não há força nenhuma — disse a certa altura — que consiga travar a força unida dos trabalhadores. Os trabalhadores podem viver sem patrão, mas o patrão, e mesmo o País, não podem viver sem os trabalhadores».

Mineiros relataram as condições de trabalho nas minas e as injustiças que ali todos os dias se cometem e o elevado grau de exploração dos trabalhadores. A diversas perguntas dos trabalhadores presentes, aqueles candidatos do MES, bem como também José Bastos, outro trabalhador candidato do MES, falaram sobre a alternativa Poder Popular, a inviabilidade da social-democracia em Portugal, apoiada no nosso arcaico aparelho económico. «A alternativa — disse Jacinto Rodrigues — ou revolução ou contra-revolução. Só organizados em torno dos locais de trabalho e habitação é possível aos trabalhadores a criação da sua vanguarda de classe.»

Mao e os "maoístas"

Os recentes acontecimentos ocorridos na China Popular, fundamentalmente a realização de manifestações de massas com sentido contraditório e o afastamento político de Teng-Tsiao-Ping, não devem ser encarados como uma mera luta entre figuras de cúpula do PCC, como procura fazer crer a imprensa burguesa, mas sim, como a expressão no seio do Partido, da agudização da luta de classes na República Popular da China.

Os «maoístas» portugueses, tanto aqueles que, como o «PCP 'm-1» com fidelidade canina à análise do PCC dobre a actual fase da luta de classes na Europa não hesitaram em tomar posições abertamente contra-revolucionárias, aliando-se com os capitalistas e os imperialistas, como o próprio

«PCP (R)», mais prudente mas sempre totalmente acrítico em relação à política externa chinesa, mostram uma incapacidade perfeita em compreender minimamente a natureza contraditória do processo de edificação do socialismo. Assim, talvez envergonhados por durante tanto tempo terem louvado a linha de política externa que Teng-Tsiao-Ping personificava, os maoístas portugueses fazem hoje como o avestruz e tentam evitar pensar nas razões do afastamento desse dirigente. É assim que não admira que o Vilar do Castelo, ontem tão exuberante e fotogénico a apertar o bacalhau ao Ping, hoje não hesita em afirmar que ele nunca passou de um traidor infiltrado no PCC...

É um facto que se torna difícil elaborar uma

análise profunda sobre o que se passa na China Popular a partir de dados e informações muito limitadas ou de origens suspeitas. Mas aquilo que os acontecimentos na China Popular revelam como mais importante é que as massas trabalhadoras continuam a ter um papel relevante na resolução das contradições internas do Partido Comunista, mesmo que haja dúvidas sobre a espontaneidade ou autonomia das suas iniciativas.

Por outro lado, se tivermos em conta o importante papel que Teng-Tsiao-Ping desempenhou na elaboração da linha política externa da República Popular da China (cujos resultados desastrosos têm sido visíveis, tanto na Europa como em África), o seu afastamento permite que

se esperem alterações significativas. nessa política, que coloquem o internacionalismo proletário no posto de coman-

do, acontecimento que, a verificar-se, só poderá ser encarado com grande alegria pelos revolucionários de todo o mun-

do, que ainda vêm na Revolução chinesa um exemplo para a luta pelo Socialismo e pelo Comunismo.



Chu-en-Lai: a reabilitação de Teng Tsiao Ping agora posta em causa

Hospital de Santa Maria:

A manobra do Governo não pegou

Há cerca de um mês, a pretexto da greve dos enfermeiros, o Hospital de Santa Maria foi invadido por forças da PSP, com grande e despropósito aparato bélico.

Aproveitando a confusão o ministro tentou a manobra de substituir a comissão de gestão por outra, da sua confiança, o que desde logo os trabalhadores não aceitaram.

Estivemos em Santa Maria e conversámos com elementos da Comissão de Trabalhadores para nos informarmos de qual a evolução dos acontecimentos.

Disse-nos João Azevedo:

De facto os trabalhadores não aceitaram a Comissão Directiva que o secretário de Estado tentou impor-nos. Assim, realizaram-se eleições para a gestão no passado dia 12, tendo a lista vencedora recolhido 1000 votos dos 1900 votos expressos.

8. Poder Popular

Neste momento o problema central é o dos vencimentos, pois enquanto a Comissão de Gestão não estiver homologada, não há quem assinasse os ordens de pagamento. O secretário de Estado propusera que a Comissão por ele nomeada (a tal que os trabalhadores não aceitaram) assinasse os ordens de pagamento, mas o Plenário (de dia 14) não aceitou tal forma de solução, que significaria reconhecer na prática a existência da Comissão de Gestão.

João Azevedo acrescenta-nos que há informações de que foi enviada já para publicação no «Diário da República» a homologação da Comissão eleita pelos trabalhadores. A confirmar-se isto, está em vias de solução este problema, tendo-se a manobra governamental desfeito ante a firme resistência dos trabalhadores do Hospital de Santa Maria.

ENFERMAGEM — BECO SEM SAÍDA?

Falámos também com Idina Morais, enfermeira e membro da CT para sabermos qual a situação da luta do pessoal de enfermagem.

Começa por explicar-nos: neste momento a classe está dividida já que as direcções sindicais do Norte e Centro estão dispostas a aceitar a tabela proposta pelo Governo. Ora esta tabela alarga o leque salarial e amplia ainda mais a desigualdade entre os numerosos escalões (basta dizer que, sendo o salário máximo proposto pelos trabalhadores de 12 mil escudos, a proposta governamental prevê salário de 12 900 escudos para o escalão máximo...)

A zona Sul não aceita esta tabela, mas a nível de direcções está em minoria, embora represente maior número de trabalhadores (note-se que

também a direcção sindical de Lisboa perdeu a confiança dos trabalhadores devido ao seu comportamento durante a greve, pelo que as negociações deveriam prosseguir com a presença dos delegados — considerou-se, porém, que a questão da sua possível direcção deveria aguardar a resolução do problema da tabela salarial).

O Sul marcou um Plenário Nacional para quarta-feira (hoje) mas há informações de que as direcções do Centro e Norte não aceitam realizá-lo. Se assim for, parece que pouco se poderá fazer a nível do contrato, estando nós condenados a ter um contrato que não satisfaz os nossos interesses.

Resta-nos trabalhar na reestruturação das carreiras, visando reduzir para três categorias as oito ou nove actualmente existentes.

Ministério do Comércio Interno: Incompetência ou provocação



A situação no ramo do Comércio Interno ameaça complicar-se.

Sá Carneiro vai afirmando que a culpa da falta de géneros é dos estivadores do porto de Lisboa — desenvolvendo a tese da incrível intervenção televisiva da sua correlegionária Helena Roseta segundo a qual a culpa da crise é da aristocracia operária da zona industrial de Lisboa, dos trabalhadores das cooperativas alentejanas e dos soldados indisciplinados (sic).

Entretanto que faz Magalhães Mota, pedista ministro deste ramo? Suspendeu as administrações de todos os antigos organismos de Coordenação Económica (Junta Nacional das Frutas; I. N. do Vinho, Comércio do Bacalhau, Produtos Pecuários, I. N. Azeite, etc.), deixando o comércio inteiramente nas mãos dos intermediários.

E qual o resultado? Enquanto a batata apodre-

ce em Montalegre e nas Beiras, importa-se a preços elevados e em quantidade insuficiente. Também a carne falta e a que há é a 180\$00 e 200\$00, já que ninguém cumpre tabelas.

Mas muitas outras questões «animam» o panorama: — Magalhães Mota pretende impor aos trabalhadores dos supermercados as administrações saneadas, provocação que poderá levar à greve.

Os ajudantes de farmácia ameaçam entrar em greve no próximo dia 20 se se malogrem as negociações do CCT.

Os trabalhadores de 17 das firmas distribuidoras da Sociedade Central de Cervejas estão em greve progressiva pelo CCT.

Os padeiros mobilizam-se contra a tentativa do Ministério do Trabalho de lhes mudar o horário.

Os trabalhadores do comércio retalhista deram prazo até dia 22 para negociar o CCT e criticaram mesmo a direcção do Sindicato em assembleia geral.

Perguntamos — que está o Magalhães Mota a preparar?

Andará a tentar organizar uma manifestação de tachos, painéis e frigidários no Rossio?

SOLDADO QUEM ÉS TU?



És um operário e querem que não sejas!
És um camponês e querem que não sejas!
És um pescador e querem que não sejas!
Então, o que é que querem que tu sejas?
O que é que querem fazer de ti?
Querem que tu sejas um soldado!
Soldado só, nada mais!
Querem que te esqueças que és filho de um operário!
Querem que te esqueças que és filho de um camponês!
Querem que te esqueças que és filho de um pescador!
Então, o que é que querem que tu sejas?
Querem que tu não sejas tu!
Querem que tu sejas o que os outros quiserem fazer de ti!
Querem que tu não sejas da tua classe!
Querem que tu te esqueças que és da classe dos que trabalham!

Querem que esqueças que existem outros que não são da tua classe!
Querem fazer-te pensar que não existem classes!
Querem fazer-te pensar que só existe uma classe!
Então, o que é que te fazem?
Tiram-te da fábrica.
Tiram-te do campo.
Tiram-te do navio.
Põem-te no quartel.
Põem-te na farda.
Igual. Igual aos outros.
Sempre igual. Sempre de verde!
De azul ou branco, tanto faz. Mas sempre igual!
Tu e os outros não mais são tu e os outros. São a massa.
São os soldados, os marinheiros.
Todos fardados. De igual.
A obedecer, igual!
A fazer, igual!
A entrar, igual!
A sair, igual!
Tu não és mais tu!
E então uma vez...
Tu não queres mais ser não tu!
E revoltas-te!
Tu queres falar. Não te deixam!
O sargento proíbe!
O capitão proíbe!
O coronel proíbe!
O comandante proíbe!
O RDM proíbe!
E todos castigam:
Tantos dias de dispensa cortados, tantos reforços, tantos dias de prisão!
O sargento fala! Às vezes...
O alferes, fala! Às vezes...
O capitão fala! Às vezes...
O coronel fala! Quase sempre!
O comandante fala! Sempre!
Todos falam! Tu, soldado, dantes, falavas.
Agora proíbe-te. Não tens amarelos!
Dizem-te, mal entras no quartel, que o soldado é apartidário

«A política fica à porta do quartel!»
Dantes eras ouvido! Agora ninguém te ouve!
E dizem-te:
«Disciplina! Obediência!»
«Obediência! Disciplina!»
Se fores «obediente» e «disciplinado» és um bom soldado!
Os comandantes gostam de ti.
És apontado como exemplo e louvado!
Mas tu revoltas-te.
Na caserna, à noite, falas com outros camaradas.
E descobres que outros como tu, não concordam, não aceitam!
Mandam-te para «meter na ordem» os «arruaceiros» de manifestações.
Tu encontras lá a tua fábrica em peso. O teu camarada de ontem, o teu irmão de trabalho. Na manif.!
E chamam-lhes arruaceiros!
O teu comandante chamou-lhes arruaceiros! Aos teus irmãos!
É a ti, trabalhador, que chamam arruaceiro.
A ti trabalhador que vieste para a rua gritar contra a exploração e a opressão!
É a ti soldado que mandam contra ti trabalhador!
Tu és tu e não tu!
Os que te mandam a ti soldado contra ti trabalhador, não podem estar contigo, trabalhador-soldado!
Esses estão do outro lado!
Esses, fardados ou não, estão contra ti!
Quando te obrigam a ti, soldado, a ir contra ti, trabalhador, estão a oprimir-te!
LIBERTA-TE!
Quando te dizem que quem sabe é o comandante, estão a oprimir-te!
EMANCIPA-TE!
Quando te dizem que a disciplina é a grande virtude do soldado, estão a oprimir-te!
LUTA!
Quando te dizem que cumprir e obedecer são os principais deveres do soldado, estão a oprimir-te!
JUNTA-TE AOS OUTROS E ORGANIZA-TE!
EMANCIPA-TE!
A VITÓRIA É CERTA!

Mulher trabalhadora — duas vezes explorada

O sector têxtil e de vestuário é constituído por cerca de 75 por cento de mulheres.

Todos nós sabemos o que é a exploração na fábrica.

Mas quantos dos que aqui estão têm consciência do que é a sobreexploração da mulher na fábrica?

É ou não é verdade que, nas categorias pior pagas encontramos sempre as mulheres, e dentro delas as mais jovens?

É ou não é verdade que têm fechado muitas das fábricas que empregavam sobretudo mulheres, mão-de-obra mais barata?

É ou não é verdade que secções inteiras da produção, constituídas por mulheres, são chefiadas por homens?

É ou não é verdade que, para as categorias que empregam mulheres e homens, são sempre estes os preferidos?

Mas, como se isto não chegasse, à sobreexploração na fábrica junta-se a sobrecarga de trabalho em casa.

Antes e depois do dia de trabalho na fábrica, há para as mulheres outra jornada

de trabalho, igualmente dura. Arrumar a casa, cozinhar, tratar da roupa, cuidar dos filhos, comprar a comida que não há com o dinheiro que não chega, tudo isto representa, além das nove horas na fábrica, mas outras tantas horas de trabalho e preocupações; representa toda uma vida de canseiras que, a juntar aos partos e abortos em más condições, lhes destrói e lhes enfraquece a combatividade.

Quem se admira, assim, de que as mulheres não participem mais activamente na vida sindical e política?

Se toda a educação é feita com base neste princípio — que à mulher compete a lide caseira — quem se admira de que as mulheres fiquem em casa, a trabalhar, em vez de participarem, com os homens, na luta que a todos diz respeito?

Muita gente se admira, sim, de ver tantas mulheres no nosso sector desenvolverem e conduzirem lutas como as dos lanifícios, antes do 25 de Abril, da Sogantal, da Charminha, da Conluz, lutas essas que só pro-

vam que as mulheres não são inferiores aos homens e sabem, como eles, lutar pela defesa dos seus interesses de classe.

Mas será então que a mulher se libertará completamente logo que conquiste melhores condições de trabalho e de vida, logo que conquiste melhores salários, menos tempo de trabalho, mais creches ou refeitórios?

· Não camaradas!
· A libertação da mulher exige isso, mas exige muito mais!

· A libertação da mulher exige a mudança das relações entre as pessoas, exige a criação de um novo modo de viver e de encarar a vida.

A libertação da mulher exige que ela participe, com o homem, na propriedade e na utilização dos meios de produção e de distribuição, exige, enfim, que a mulher, tal como o homem, esteja apenas submetida aos laços da solidariedade colectiva, e nunca subordinada a um patrão, ou, enquanto mulher, submetida a um homem e aos encargos familiares.



Isto, camaradas, só será possível através de uma dura luta, que passa pela construção do poder popular e leva à revolução socialista.

A libertação da mulher encontra-se firmemente ligada à luta revolucionária da classe operária, de todos os explorados e oprimidos, encontra-se firmemente ligada à luta pela construção

de uma sociedade nova, de uma sociedade sem classes, com iguais direitos e deveres para todos.

A libertação da mulher é uma necessidade fundamental da revolução socialista, é uma garantia da sua continuidade, é uma condição do seu triunfo.

Em frente camaradas
Pela libertação da mu-

lher!
· Viva a unidade de todos os explorados e oprimidos!
· Viva o poder popular!
· Viva a classe operária!

(Extractos da intervenção da camarada Lurdes, operária têxtil e candidata do MES por Lisboa, no comício de dia 14., na Voz do Operário)

ESPAÑA-Continuidade ou Revolução?

Publicamos hoje a primeira parte de uma breve análise sobre a situação em Espanha.

No próximo número terminaremos a publicação deste estudo, com uma análise sobre a evolução do movimento operário espanhol e perspectivas de evolução.

1. Quando Franco morreu, cumprindo pela única vez a vontade do povo, todo o mundo pôs os olhos na última ditadura fascista da Europa e perguntou: «que se vai passar?»

Alguns meses depois da morte do ditador, alguns meses depois do golpe reaccionário do 25 de Novembro que veio consagrar e desenvolver a ofensiva das forças fascizantes e antipopulares, o povo português e os revolucionários em particular perguntam: «Que se passa em Espanha? Está tudo na mesma ou mudou alguma coisa? Que significado e alcance atribuir às mudanças desta «nova etapa da História da Espanha rumo à democracia» segundo as «modernas» palavras do rei Juan Carlos?»

A morte de Franco, como a de Salazar, não fez mais do que acelerar um processo que estava em marcha. Após a trágica derrota das massas populares na guerra civil, aditadura fascista, benzida pela Igreja

das Cruzadas, construiu um Estado totalitário, assente na casta militarista e burocrática, que cumpriu às mil maravilhas — através da repressão mais brutal e desenfreada — os interesses específicos da fracção hegemónica das classes dominantes (o capital monopolista, financeiro e industrial) ao mesmo tempo que cumpria a função geral de assegurar a todas as fracções da burguesia suas aliadas (agrária, comercial, etc.) o quadro geral que lhes permitia explorar os trabalhadores e o povo.

Esta situação não só era suportável como conveniente ao capitalismo espanhol, nas primeiras fases do seu arranque.

O Estado franquista era o instrumento adequado à acumulação do capital, respondendo antes de tudo às necessidades da grande burguesia, mas garantindo também às outras camadas da burguesia a exploração reforçada da classe operária.

de agrária a industrial

Mas a Espanha agrária-industrial convertia-se em industrial-agrária.

Nos fins da década de 50, à medida que o capitalismo monopolista progredia e se implantava, à medida que a direcção política da sociedade se tornava mais complexa e qualificada, a oligarquia capitalista sente a necessidade de substituir as formas brutais de dominação e exploração dos trabalhadores por mecanismos mais sutis e eficazes, vê-se obrigada a propor reformas adequadas ao quebrar do «isolamento» internacional a que estava votada pela Europa.

Este projecto contava com a resistência das camadas progressivamente

subalternizadas, das camadas franquistas apegadas ao aparelho de Estado, às forças armadas e à Igreja.

Crescia a contradição entre as necessidades dos sectores mais dinâmicos do capital dominante e as formas do poder.

Nos últimos tempos, o ditador Franco era um elemento de coesão do regime; melhor até, era um tróvão à progressiva desagregação das forças políticas e sociais da ditadura.

A unanimidade sobre o mecanismo de sucessão — a monarquia de Juan Carlos — encobria e encobre divergências importantes em matéria de «evolução» e «democracia».

mudar alguma coisa para que o essencial se mantenha...

2. O governo de Arrias Navarro — é o palco onde se debatem os sectores que desejam manter o essencial da ditadura franquista e os que querem preservar a dominação capitalista através da «modernização» progressiva que abra as portas à Europa do

Mercado Comu. E claramente, desde o falangista Solis ao «liberal» Fraga Iribarne, um Governo de frente única de todas as forças sociais e políticas da ditadura.

Assistimos à tentativa de «mudar alguma coisa para que o sistema se mante-

na»; Fraga Iribarne ensaia a «evolução na continuidade», afirmando contudo que pretende seguir o caminho da Grécia e rejeita o de Portugal: «Não estamos dispostos a pôr em perigo os fundamentos do sistema cuja modernização nos propomos».

Anuncia-se o programa «reformado»: instituições representativas, liberalização da imprensa, legalização de associações políticas moderadas, e, claro, progresso e bem-estar «europeu».

Ainda que beneficiando de uma sucessão cuidadosamente preparada e detendo a iniciativa, o triunfo do projecto «liberal» não é tarefa fácil. Abrindo-se à participação de sectores da direita democrata-cristã e social-democrata, suportando a «oposição leal» dos diversos partidos socialistas, tentando isolar o partido comunista e os demais partidos de esquerda («subversiva e terrorista»), procura alargar a sua reduzida base de apoio às classes médias e às «democracias» ocidentais. Depara contudo com a intransigência dos falangistas e com a resistência das massas populares.

Ao delírio da democracia das palavras sobrepõe-se a ditadura dos factos: para-

«Não se trata de formar um Governo de esquerda, mas de Reconciliação Nacional»

Num primeiro momento entra-se no jogo. O Partido Comunista-Espanhol (PCE), apadrinha a criação da Junta Democrática, tentando monopolizar a oposição antifranquista. O Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), apadrinha seguidamente a Convergência Democrática. Uns e outros agregam diversos partidos e organizações reformistas de extrema-esquerda, desde os carlistas aos maoístas.

O PCE defende o «Pacto para a liberdade», a «ruptura democrática» como disse Santiago Carrillo, «não se trata de forma um Governo de esquerda, mas sim

PCE—de «interlocutor válido» a indispensável...

O PCE e a Junta Democrática, depois de algum tempo de tréguas e de apelos, decide fazer prova das suas virtudes. Subitamente

bastiões



da continuidade...

mencem a lei antiterrorista, a polícia política, os tribunais especiais, os presos políticos nas cadeias, os sindicatos oficiais. Congelam-se os salários, aumenta o desemprego, a inflação e a fuga de capitais. Favorece-se o «lock-out» militarizam-se os correios e o metropolitano, reprimem-se as assembleias de fábricas e as manifestações operárias populares.

A máscara cai...
3. E como se comporta a oposição?

ca, e propagandeia até a luta pela amnistia e pelas liberdades.

Afirmando a sua qualidade de «interlocutor válido», ao mesmo tempo através de pacientes negociações de cúpula com a Convergência Democrática, alcança a formação da Unidade Democrática, passan-

do a ser um «interlocutor indispensável».

A oposição antifranquista encontra-se portanto formalmente unida. Da esquerda democrata-cristã até à maoísta, quase todos jogam a sua estratégia no complexo jardim zoológico da unidade sem princípios.

Crise generalizada

5. Que podemos esperar do que se passa em Espanha?

Quais as conclusões a tirar e as perspectivas que podemos antever?

A situação é de crise generalizada, que percorre todos os terrenos onde há luta de classes.

A ditadura não pode continuar nem evoluir. Não é possível tudo ficar na mesma. O projecto «liberal» tem pela frente demasiados inimigos. O regime não tem, no seu seio, projecto real que desbloqueie a seu favor a situação. A Unidade Democrática, apresenta uma alternativa política. As organizações revolucionárias, dentro ou fora da Unidade Democrática, lutam por uma alternativa de poder. A União Militar Democrática não é o MFA

nem o Sara é a Guiné, Moçambique e Angola.

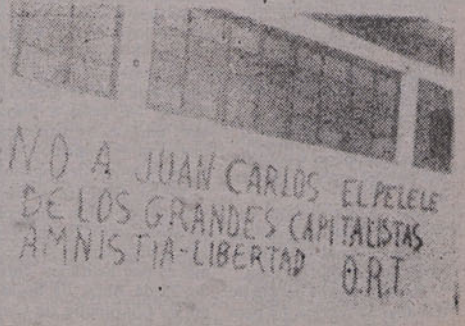
Contudo, a classe operária tem um nível de experiência, organização e consciência muito superior ao dos portugueses antes do 25 de Abril.

O PCE é claramente o partido com maior implantação nacional. Mas as organizações revolucionárias (OPI, OCE, MCE, ORT, AC, PT) todas juntas equilibram a sua influência e implantação. Saibam contribuir para a formação da vanguarda da classe, e o Socialismo não será em Espanha uma palavra vã para enganar o povo.

Como na guerra civil os revolucionários portugueses estão prontos a dar o seu apoio e solidariedade internacionalista.

Onde vai a luta de classes para o querido amigo do dr. Mário Soares!...

Mesmo assim, o «liberal» Fraga não parece aceitar o casamento, e insiste em fazer namoro a noiva ainda mais moderada...



BEJA - um passo da ofensiva fascista

No domingo, dia 11, Sá Carneiro foi a Beja fazer provocações aos trabalhadores que lutam por levar por diante a Reforma Agrária

Para além da simples presença, já de si provocatória como inimigo do povo é, Sá Carneiro, afirmaria que a Reforma Agrária não poderia considerar-se uma conquista da Revolução. Assim mais uma vez mostrou de que lado da barricada se encontra

Os trabalhadores que se foram reunindo, dariam no final do comício a sua opinião sobre as teses pépêdistas, desenvolvendo o justo princípio de que «com a reacção não se discute, combate-se!»

Assim, Sá Carneiro abandonaria a cidade a grande velocidade, tendo-se registado recontros com elementos do partido côr-de-laranja

Mas as forças capitalistas dispõem, hoje, de polícia que os defendam

A prisão de dois elementos acusados de terem atacado os provocadores do PPD causou indignação em Beja. Assim juntaram-se no dia seguinte muitos populares em frente da esquadra da PSP exigindo a sua libertação

Técnicos da ordem chegaram rapidamente de Lisboa actuando com grande eficácia — mataram um operário e provocaram vários feridos

Dias depois, Beja assistiria a enorme aparato repressivo

Centenas de mercenários da PSP e GNR «s sofisticados», foram concentrados para proteger fascistas do CDS em comício — contra o povo

Mesmo assim, no final, houve confrontações que significam tudo isto?

Face à grave situação que se vive actualmente na cidade, entendeu a Direcção da Organização Regional do Baixo Alentejo do MES, Partido da Esquerda Revolucionária, que é necessário alertar o povo sobre aquilo que na realidade se está a passar.

A primeira vista poderia parecer que a realização do comício do PPD e as prisões e incidentes que a ele se seguiram assim como o comício do CDS que se realiza hoje, são simples provocações que as forças da burguesia e do fascismo estão a fazer ao povo desta cidade.

Mas nós queremos alertar, camaradas, para a manobra muito mais profunda que está por detrás disto tudo. Na realidade, o que está em marcha, é um golpe fascista que se desenrola progressivamente em várias fases. O MES, já para este facto vinha alertando o povo trabalhador. Já tínhamos dito que a Assembleia de Tancos em que o Conselho da Revolução Progressista foi substituído por um conselho da Revolução reaccionário, foi a primeira fase deste golpe fascista. Já tínhamos dito que a 2.ª de Novembro foi a 2.ª fase deste mesmo golpe. E agora dizemos, que a 3.ª fase deste golpe, já está em marcha.

Os exploradores do povo não temem as eleições porque sabem que elas vão ser favo-

ráveis à burguesia, e que a questão está em saber se o resultado dessas mesmas eleições será favorável ao PS, social-democracia legalista, ou PPD/CDS, direita fascista

GOLPE LEGAL OU GOLPE DE FORÇA

O único governo que servirá os interesses da recuperação capitalista da economia portuguesa, os interesses imperialistas da nossa Pátria é um governo altamente repressivo PPD/CDS que elimine as principais conquistas do povo trabalhador: as nacionalizações, a Reforma Agrária, o Controlo Operário, o Poder Popular.

Se um governo deste tipo, PPD/CDS, se instalar como resultado das eleições, a burguesia tem campo aberto para lançar o seu golpe de maneira legal. No entanto se o PS sair o partido mais forte destas eleições, a burguesia não terá outro remédio senão lançar o seu golpe militar e por isso, ele já se está a desenrolar.

Os fascistas, depois do 25 de Novembro, vão rapidamente tomar conta de grande parte do aparelho militar até aos seus mais altos escalões onde existem homens de inteira confiança de Spínola.

O FASCISMO ATACA ONDE O POVO TEM MAIS FORÇA

O grupo dos «nove» e o PS tornaram-se os principais responsáveis por que isto tenha aconteci-

do quando se apoiaram e apoiaram os militares reaccionários para atacar os militares revolucionários. Exemplo, as manifestações de apoio que o PS fez ao fascista Jaime Neves e ao ex-colaborador da PIDE Pires Veloso.

O que se passa neste momento é que o grupo social-democrata dos «nove» já começou a ver a alhada em que se meteu. Basta ver o isolamento progressivo de Melo Antunes e os ataques constantes que Pezarat Correia sofre por parte dos altos comandos militares e dos latifundiários, organizados na CAP. É que o fascismo quando ataca não perdoa a ninguém, nem sequer aos sociais-democratas, traidores do povo.

O fascismo é inteligente e sabe perfeitamente onde deve atacar neste momento o povo; e ataca



EM BEJA FALTOU ÀS MASSAS QUEM AS DIRIGISSE

E ainda por cima, a inexistência neste momento de um partido que seja realmente o partido da classe operária, fez com que as massas trabalhadoras alentejanas se encontrassem face a

dissemos uma cabeça política.

O MES não é o Partido Revolucionário da Classe Operária e nunca disso se reivindicou. Por isso, o MES não poderia ter tomado a direcção das massas populares nestes dias em Beja e nem o quis fazer. Todas as movimentações de massas foram espontâneas e lá se encontravam camaradas de todas as organizações políticas. Por isso o MES sempre lutou e lutará pela unidade de todos os antifascistas e revolucionários, das organizações políticas dos trabalhadores, única via para colocar o Movimento popular de massas sob uma única direcção e ir forjando progressivamente o Partido Revolucionário da Classe Operária.

Por isso nós dizemos aos esquerdistas: não é com a criação de comités revolucionários e antifascistas entre aspas, desligados completamente das massas que estas reconhecem uma direcção ao movimento popular

Por isso, nós dizemos aos reformistas e conciliadores: não é com a conciliação que se combate o fascismo. Não é acusando incorrectamente as movimentações de esquerda que se combate o fascismo.

O fascismo só se combate esclarecendo completamente o povo das suas manobras e movimentações. E não é combater o fascismo não dizer claramente às massas o que neste momento se está a passar em Beja.

As centenas dos novíssimos polícias de choque e GNR, armados até aos dentes como nunca a gente os viu no tempo do fascismo, e as tropas militares, como as de Estrmoz, que também estavam preparadas pa-

ra vir, não estão em Beja apenas para protegerem os comícios do PPD e do CDS.

OFENSIVA MONTADA COM O APOIO DA CIA E DA NATO

É ser cego e querer tapar os olhos às massas pensar que é apenas isso. Porque senão vejamos: Os PIDES andam à solta em Beja e por todo o País e a polícia não os prende, mas vai prender os filhos do povo; os fascistas colocam bombas e assaltam sedes de partidos de esquerda, dizem a toda a gente que o fizeram e não há ninguém para os prender. Já está também neste momento em fase adiantada a estruturação de uma nova polícia política que já anda a fazer interrogatórios a operários e sindicalistas.

O que se passa é uma ofensiva cientificamente montada cujos centros fundamentais de poder são a CIA e a NATO que querem fazer em Portugal o mesmo que fizeram no Chile e na Argentina.

Ao povo de Beja, nós dizemos neste momento que deve permanecer atento e mobilizado mas que não deve cair nas provocações que nos querem fazer engolir, que não se deixe levar para confrontações estérteis com os assassinos da PIDE, da polícia de choque e da GNR.

Mais um Trabalhador foi assassinado pelos carrascos do Povo

O Povo de Beja não se esquecerá e na devinda altura fará pagar bem caro o assassinio do camarada Manuel Paulino

PELA UNIDADE DO POVO CONTRA O FASCISMO, PELO PODER POPULAR!

A Direcção da Organização Regional do Baixo Alentejo do Movimento de Esquerda Socialista

MINEIROS

-O PRAZO TERMINA AMANHÃ

«Saturados de promessas, diligências, reuniões e papéis que visam adormecê-los», e «desacreditados da boa vontade das entidades patronais e dos Ministérios do Trabalho e Indústria e Tecnologia quando dizem estarem muito preocupados com a situação dos mineiros e que as suas reivindicações são justas», muitas centenas de mineiros largaram as suas minas do Norte (Borralha, Valongo e Peção) e no Sul (Aljustrel, Cercal e Sousel) e vieram a S. Bento exigir que sejam atendidas as suas justas reivindicações.

Uma vez mais, ainda, voltaram apenas com promessas... promessas vagas de que o assunto

seria estudado. Mas marcaram um prazo — dia 20.

«Esperávamos levar isto já daqui hoje resolvido», queixava-se um operário de Valongo. «Já andamos em negociações desde Agosto».

Muitos eram de opinião que não deveriam abalar sem uma resposta. Mas esta posição acabou por ceder. Muito activos se mostraram a combatê-la alguns elementos do PCP. E os jornais que lhe são afectos referiam este facto como manobra divisionista. Que o tempo é de eleições e não de barulhos...

Mas ninguém vergará os mineiros. E dia 20 é já amanhã!

Porque lutam cerca de 7000 trabalhadores mineiros de Portugal?

— não têm contrato que sirva de base à sua prestação de trabalho;

- não têm direito, na maior parte das empresas, a receber o 13.º mês;
- o trabalho arriscado, duro é na maioria dos sectores mineiros, manual;
- os ordenados, no conjunto dos trabalhadores, ainda se situam no mínimo nacional, ou ainda são inferiores;
- não têm regalias sociais: medicina preventiva, assistência médica deficiente ou mesmo incapaz;
- os trabalhadores mineiros desgastam-se lenta e precocemente... e cedo se vêem atirados para a reforma, com um subsídio de miséria e com silicose (doença profissional);
- as negociações do primeiro Contrato Colectivo de Trabalho já se arrastam há cerca de um ano;
- as entidades governamentais e as entidades patronais nos têm vindo a enganar com palavras mansas e promessas... promessas... só promessas!;
- o horário de trabalho é superior a 40 horas (interior) e 45 horas (no exterior), e ainda, em alguns casos, com trabalho normal ao sábado.

Reivindicam:

- horário de trabalho de 40 horas (interior) e 45 horas (exterior);
- descanso semanal de dois dias seguidos;
- assinatura do 1.º Contrato Colectivo de Trabalho;
- ordenados compatíveis com o aumento do custo devida e com os riscos profissionais;
- regalias sociais: reforma aos 50 anos (trabalhador do interior) ou 20 anos de actividade no exterior (ou 55 anos ou 30 anos de actividade no exterior);
- medicina preventiva;
- assistência médica capaz;
- formação profissional.



CAMPO PEQUENO

DIA 23, COMÍCIO

A candidatura pela unidade do povo, contra o fascismo, pelo poder popular não faz no Campo Pequeno um comício de encerramento, faz um comício de unidade e resistência, faz um comício para mostrar que a luta continua.

A luta continua contra a miséria, a repressão e o fascismo que nos assaltam cada vez mais fortes! A luta continua também contra a origem de todos os males, contra a exploração capitalista!

A direita quis riscar do mapa o socialismo e o poder popular e o que é facto é que quase toda a «esquerda» apoiou: hoje só ouvimos falar em antifascismo, patriotismo e em «maiorias de esquerda» que mais não são do que milhares de votos de trabalhadores a apoiarem um governo de Soares, Zinha e Cª, com o PCP a reboque.

Que podem os sociais-democratas e os reformistas contra o fascismo? Pouco.

Que podem os sociais-democratas e os reformistas contra o capitalismo? Nada.

Vem ao campo pequeno mostrar a tua força, a força da esquerda revolucionária e do poder popular.

VEM AO CAMPO PEQUENO
MOSTRAR A TUA FORÇA!
A FORÇA DA ESQUERDA
REVOLUCIONÁRIA!
A FORÇA
DO PODER POPULAR!

NÃO NOS INTIMIDARÃO!

Vimos comunicar à população desta zona e a todos os portugueses em geral o que se passou no dia 7/4/76 — Tendo chegado à sede desta comissão pelas 16.30 horas, o filho da antiga dona do prédio pretendia levar dali uma quantidade de coisas segundo uma lista feita por ele livremente e que excedia os objectos que a mãe quando se tinha ido embora queria levar, o que ficou aprovado por ter até a antiga dona assinado um documento em que dizia só querer certa parte do recheio da casa. Para o efeito apresentou-se com mais dois indivíduos ambos os três fardados do exército. (Unidade PE/C7). Chegado ao interior da sede quis levar a bem ou a mal, como ele disse, um candeeiro da sala.

Levá-lo a mal porquê?

Porque como disse um elemento da Comissão; a população não estava lá, se estivesse ele não falava daquela maneira. Como resposta a isto ouviu: a população varria-se com uma metralhadora.

Mas há-de ser assim enquanto houver organizações de Poder Popular como a Comissão que lutem ao lado do povo e pelos seus interesses contra os exploradores e reaccionários estejam eles onde estiverem.

A Comissão informou sempre a população que o candeeiro fazia parte do património do Estado, que já lá estava desde que o prédio foi ocupado por esta Comissão.

Isto foi o começo da repressão nesta zona. Isto foi o começo da repressão sobre os órgãos de Poder Popular.

A Comissão não cederá nem a bem, nem a mal, nem à metralhadora se se chegar a esse ponto, as conquistas já realizadas nesta zona.

A Comissão enquanto tiver os moradores pelo seu lado não temerá a repressão.

VIVAM OS ÓRGÃOS DE PODER POPULAR!

VIVA A COMISSÃO!

ABAIXO A REPRESSÃO FASCISTA!

